
SIBILIA, Paula. *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. 286 p.

Wilton C. L. Silva

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – Brasil

A fabricação virtual de si mesmo

Em 1971 um *nerd* chamado Ray Tomlinson inventou o *e-mail*. Invenção tão inovadora que seu criador não solicitou registro de patente, por não ver nele nenhuma aplicação comercial.

Décadas depois, em meio a *e-mails* e *spams*, assim como o dilúvio de *sites* de relacionamento, *blogs*, *fotologs*, *fóruns*, grupos, comunidades, *webcams*, Twitter, nos quais informação e riqueza se movimentam de forma vertiginosa, não estar conectado é uma maneira de ser um Robinson Crusóe contemporâneo.

Os estudos sobre o ciberespaço no país ganham terreno gradualmente na antropologia, o que pode ser percebido pelo tímido, embora crescente, número de trabalhos sobre o tema em congressos e revistas especializadas no Brasil.

Dentro desse campo em formação o ensaio de Paula Sibilía analisa uma forma específica de se conectar, ou seja, a escrita de si, autobiografia que se torna digital, instantânea e multimídia, da qual o Orkut, o MySpace, o Facebook e os *blogs* são alguns dos exemplos mais notórios.

A autora, argentina radicada no Brasil, de sólido currículo com estudos sobre as interfaces da antropologia e da comunicação, une um tema extremamente atual com um conjunto significativo de teorias e informações, mediados por um estilo de escrita ágil e denso – pesquisa bem, pensa bem, escreve claro!

O livro tem nove capítulos sobre as diferentes dimensões do “eu” na internet, a partir das experiências de subjetividade nas quais as dimensões “íntimas” e “confessionais” são pensadas como “alterdirigidas” – construções de si orientadas para uma exposição que objetiva legitimar formas de ser e estar no mundo.

As particularidades desse processo de subjetivação, com suas dimensões identitárias, narrativas, públicas, explícitas, instantâneas, personalistas, factuais, relacionais e midiáticas, são abordadas ao longo da obra sem concessões fáceis nem ao apocalíptico e nem ao apologético.

O texto desenvolve-se como uma extensa discussão sobre os limites de inclusão do mundo digital e sua caracterização como força determinante sobre novos arranjos de comunicação e sociabilidade, tendo a capacidade de transitar entre a análise micro e macro de forma articulada e coerente.

Essas idas e vindas entre o macro e o micro mostram-se como sinais claros de uma maturidade intelectual e da capacidade da autora enfrentar os grandes desafios da escrita ensaística, um estilo literário inventado e nomeado por Montaigne e que exige o equilíbrio medido entre forma e conteúdo, e em diversos momentos são oferecidos diferentes pontos de vista que convidam a se pensar sobre um fenômeno cultural recente.

Desde as epígrafes, sempre em pares, parece reafirmado o convite ao leitor para observar contrastes, entre frases e textos de cunho mais acadêmico e intelectual e outros, mais midiáticos.

Os contrastes também vão sendo apresentados ao longo do texto e de suas discussões sobre o modo como as novas tecnologias de informação e comunicação permitem a construção de formas de subjetivação baseadas na exposição negociada de identidades individuais e coletivas, nas quais as experiências íntimas são expostas de forma intencional e negociada.

Entre diversos *insights* que a autora compartilha com seus leitores na análise das diferentes formas de relatos virtuais nos quais o autor, o narrador e o protagonista são a mesma pessoa, se destacam tanto aqueles que enfocam o emissor quanto os receptores de tais narrativas.

A constante reafirmação do eu, ao longo dos títulos dos nove capítulos, em suas complexas relações com o outro, a narrativa, a privacidade, a visibilidade, a instantaneidade, o culto à personalidade, a ficção, a solidão e o espetáculo, permite entender a transformação da intimidade em espetáculo como uma complexa relação entre o eu, os outros e nós no interior da cibercultura.

Sobre aquele que cria o relato – disponibilizado como escrita, som e/ou imagem – mostra que a tensão entre singularização, universalização e particularização é pensada como um ser e estar no mundo mediados por esforços intodirigidos e alterdirigidos, pelos quais o “escrever para ser” e o “ser para escrever” são redimensionados em sua significação.

Nessa perspectiva o autor do relato, tal como um senhor que se submete, aceita no pacto narrativo uma sujeição “confessanda e confidente” com seus leitores/observadores, na qual a intimidade não só é exibida, espetacularizada e reivindicada como autêntica, como também reconhecida como legítima e distintiva em um terreno no qual o “extremamente privado” e o “absolutamente público” se fundem constantemente.

Por outro lado, aqueles que se interessam pelo relato, em um processo de mutualismo entre a expressão de uma curiosidade que se alimenta do exótico e do rotineiro, do íntimo e do pessoal, assim como do público e do performático, criam as condições socioculturais para a expressão da subjetivação como produto e marca do autor.

Em seu último capítulo, Sibilía remete a uma situação irônica, quando um autor fundamental ao longo de todo o texto, Guy Debord, que escreveu o fundamental e crítico *Sociedade do espetáculo* (1967), também transformado por ele em filme, é mostrado a partir de sua conversão em personagem e obra, pois esse intelectual, que proibiu a exibição de todos os seus filmes e se suicidou em 1994, teve lançado no mercado, pela editora Gallimard, de Paris, em 2006, um luxuoso pacote de produtos constituído por suas obras completas acompanhadas de cartas, intervenções, artigos publicados em revistas, notas inéditas, fotos pessoais, como significativo e contraditório exemplo da espetacularização do “eu”.

Se os méritos da obra são claros, suas limitações são bastante discretas e se relacionam com a ambição de totalidade que produz um oceano de informação no qual internet, moda, jornalismo, arte, literatura, teatro, filosofia, teoria social e outras “densidades” são apresentadas de forma tão vertiginosa como se a autora ambicionasse criar um “tratado de história natural da individualidade”, em um padrão analítico e discursivo do século XVIII em que tais tratados ambicionavam a impossível universalidade do conhecimento.

O leitor vê desfilar em um texto que mesmo sendo sempre bem escrito, se mostra – particularmente nos capítulos 7 e 8 – cansativo, repetitivo e generalista.

Ao longo do texto as numerosas citações e referências a Nietzsche, Cortázar, Freud, Foucault, Certeau, Marx, Benjamin, Debord, Deleuze, Lejeune, Bourdieu, Chartier, Calvino, McLuhan, Eco, Adorno, Rybczynski, Wittgenstein, Riesman, Lispector, Sennet, Gumbrecht, Simmel, Bloom,

Bergson, Borges, assim como de diversos outros autores, mostram uma erudição que se coloca ao lado de um esforço de pirotecnia.

Embora essa pirotécnica seja capaz de produzir uma certa vertigem de informação, ou cansar o leitor em alguns momentos, não se torna algo capaz de justificar a não leitura do livro.

O trabalho de Paula Sibilía mostra um panorama crítico da fabricação da autoimagem no mundo virtual, onde se misturam um acirrado individualismo e rígidos disciplinamentos em um processo de visibilidade no qual as autoimagens parecem dizer: “Todo mundo é especial! Você é especial! Você é como todo mundo...”

De maneira extremamente feliz, de forma intelectualmente rica e plural, o livro reflete um esforço de pesquisa em que densidade teórica e escrita agradável se encontram, tanto nas questões levantadas como nas respostas que oferece, enfocando algumas formas como no mundo virtual os processos sociais de individualização estabelecem relações entre indivíduos, grupos, culturas e *bites* e *bytes*, o que justifica a leitura por aqueles com interesses acadêmicos ou diletantes sobre o tema.